

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO NO ESTADO DO MARANHÃO EM 1940

EUGÊNIA GONÇALVES EGLER

Da Secção de Estudos Geográficos do CNG.

O estado do Maranhão está situado na zona de transição, entre as caatingas do Nordeste, as matas amazônicas e os campos cerrados do Planalto Central. A complexidade de aspectos físicos e econômicos tem grande influência sobre a população rural e urbana do estado, daí decorrendo a irregularidade de sua distribuição.

Contava o estado do Maranhão em 1940, com 1 235 169 habitantes¹, vivendo cerca de 85% dessa população nos campos do interior, nas fazendas e sítios, entregues de preferência à exploração extrativa vegetal (babaçu e carnaúba), à lavoura e à criação.

A Hiléia, no oeste do estado, estende-se até o médio vale do Grajaú, coincidindo com a zona que se pode considerar como de vazio demográfico. A região dos cocais, constituída pelos carnaubais e babaçuais estende-se, principalmente, pela baixada, ao longo dos cursos médios do Mearim, Itapecuru e Parnaíba; é a região de maior concentração de população urbana e rural. Finalmente, ao sul estendem-se as grandes chapadas cobertas de campos cerrados, de população rural pouco densa.

As cidades, em geral, pouco desenvolvidas, vivem quase exclusivamente em função da zona rural, sendo que a maioria delas se originam de antigas fazendas.

Temos que ressaltar aqui, o papel preponderante dos rios na distribuição da população, papel este relevante desde a ocupação primitiva e do início do povoamento do território. Foram eles os primeiros caminhos de penetração, seguidos pelos colonizadores, que do litoral demandavam o interior, no século XVII.

Os rios Itapecuru e Mearim foram os primeiros a serem penetrados, graças à franca navegabilidade de seus cursos médios.

Têm os rios ainda hoje função importantíssima na distribuição da população; são eles os grandes concentradores da população rural e urbana. As principais cidades do estado, excluindo-se a capital, situam-se ao longo dos rios: Pedreiras, São Luís Gonzaga. (Ipixuna)² Bacabal, Arari e Barra do Corda, no Mearim; Picos (Colinas), Caxias, Codó, Coroatá, Itapecuru-Mirim e Rosário, no Itapecuru.

Esta função de concentradores da população está condicionada essencialmente ao papel que os rios maranhenses, de fácil navegação, exercem como principais vias de comunicação nesse estado, quase que destituído de boas rodovias e ferrovias. Na parte oriental, apesar de seu regime temporário, os rios

¹ Segundo os dados preliminares do recenseamento de 1950, o estado do Maranhão conta atualmente com uma população de 1 600 396 habitantes.

² Os nomes colocados entre parênteses correspondem às designações que os municípios receberam depois de 1940.

ainda funcionam como concentradores da população, concentração esta condicionada à circulação fluvial, o que constitui, essencialmente, uma característica da região amazônica.

A quase totalidade do tráfego de mercadorias, bem como o escoamento dos produtos, se fazem por via fluvial. Daí a importância indiscutível dos rios como centros de atração no estabelecimento da população.

No estudo da distribuição da população do estado, serão consideradas primeiramente as zonas de maior concentração:

- a) o golcão maranhense e
- b) os médios vales do Itapecuru e do Mearim, que consideraremos como uma única zona, dadas as semelhanças que apresentam na distribuição da população.

GOLFÃO MARANHENSE E MÉDIOS VALES DO MEARIM E ITAPECURU

O golcão maranhense está situado na depressão central da planície litorânea, na convergência dos quatro grandes rios: Pindaré, Grajaú, Mearim e Itapecuru, que canalizam para aí toda a produção do interior, formando uma zona importante, onde se desenvolve a vida econômica e política do estado.

A distribuição da população na zona litorânea do golcão não é uniforme. As maiores concentrações encontram-se a oeste, nas proximidades da baía de São Marcos, concentrações estas que contrastam com a menor densidade da parte leste no lado da baía de São José.

O maior agrupamento do oeste, explica-se não só pelo aspecto recortado da costa, pela proximidade da mata, como também pelo seu clima mais propício, de precipitações mais abundantes e regulares, do que a parte leste.

O litoral que se estende da baía de Turiaçu à baía de São Marcos, apresenta grande riqueza de formas: ilhas, estuários profundos, pequenas baías que facilitam uma intensa navegação de pequena cabotagem. Tal aspecto recortado é explicado, por ser esta, uma costa de rias.

Há neste trecho do litoral, animado movimento comercial, de pequenos barcos de vela e navios, que sobem pelos estuários acima. Tais embarcações servem muito ao comércio interno, pondo em constante intercâmbio com São Luís, as pequenas cidades ribeirinhas do interior.

Esta extensa costa, entrecortada de baías e enseadas fornecendo bons ancoradouros às embarcações, favoreceu o desenvolvimento de inúmeros e pequenos núcleos de pescadores, principalmente, em Guimarães e São Luís, havendo neste último, uma pequena colônia de pesca, cujo produto se destina ao consumo local. Além da pesca, encontra-se também a exploração de salinas naturais. O fato de existir, na mesma zona, grande quantidade de pescado e de sal, favoreceu o desenvolvimento de florescente indústria de peixe e de camarão seco, que provê o consumo local e os mercados próximos, como o da capital do estado e de outras cidades importantes.

Entretanto, apesar dos numerosos ancoradouros e de uma navegação de cabotagem abrigada, esta costa apresenta-se relativamente pouco povoada, sem as grandes concentrações demográficas que caracterizam litorais deste tipo. Basta ver-se o número reduzido de cidades que aí se acham localizadas, junto à orla litorânea.

Para o interior, observa-se uma maior concentração demográfica, que segue de modo geral uma linha norte-sul partindo de Bequimão até Viana. Tal distribuição da população se deve ao fato de ser a orla litorânea, que se estende da baía de Cumã à foz do Pindaré muito baixa e acompanhada de inúmeras lagoas, que formam um imenso lençol de água e onde, por ocasião das chuvas domina a vegetação de mangues.

Além disso, esta zona está sujeita a inundações periódicas dos rios. Dêste modo, as condições naturais pouco propícias determinaram o recuo da população, que se localizou no limite das terras inundáveis. Esta zona de maior concentração coincide também com o limite dos campos da baixada com as matas. Juntamente com os médios vales do Mearim e do Itapecuru, constitui a mais próspera região agrícola do estado e uma das mais antigas do país.

Foi a primeira zona ocupada no Maranhão, tendo sido iniciada a sua penetração no princípio do século XVII. Os colonizadores exploraram e ocuparam toda a planície litorânea, detendo-se nas bordas da mata de oeste. No começo desse século, com auxílio do braço indígena, então abundante, as fazendas açucareiras e de criação multiplicaram-se na região, chegando mesmo a exportar açúcar para Recife. Mais tarde, no início do século XVIII, a cultura da cana de açúcar cede lugar às lavouras algodoeiras e rizícolas, que graças à introdução do braço escravo se difundiram por toda a região. Deve-se o desenvolvimento dessas culturas à Companhia Geral do Comércio do Grão Pará e do Maranhão que fornecia créditos, escravos e ferramentas aos lavradores, incentivando assim a lavoura algodoeira e rizícola, e que em pagamento arrecadava toda a produção. Torna-se, então, o Maranhão um dos principais centros exportadores da Colônia e um dos primeiros a possuir fábricas de tecidos de algodão, com produção algodoeira própria. Importantes núcleos urbanos surgiram, graças ao desenvolvimento da agricultura e da indústria: Alcântara, Guimarães e Cururupu, no litoral; Caxias, Codó, Coroatá, Pedreiras e São Luís Gonzaga, nos vales dos rios Mearim e Itapecuru. Hoje essas culturas, apesar de sua decadência, para o que concorreu a abolição da escravatura, ainda constituem uma das maiores riquezas do estado, destacando-se pela quantidade e qualidade de seus produtos.

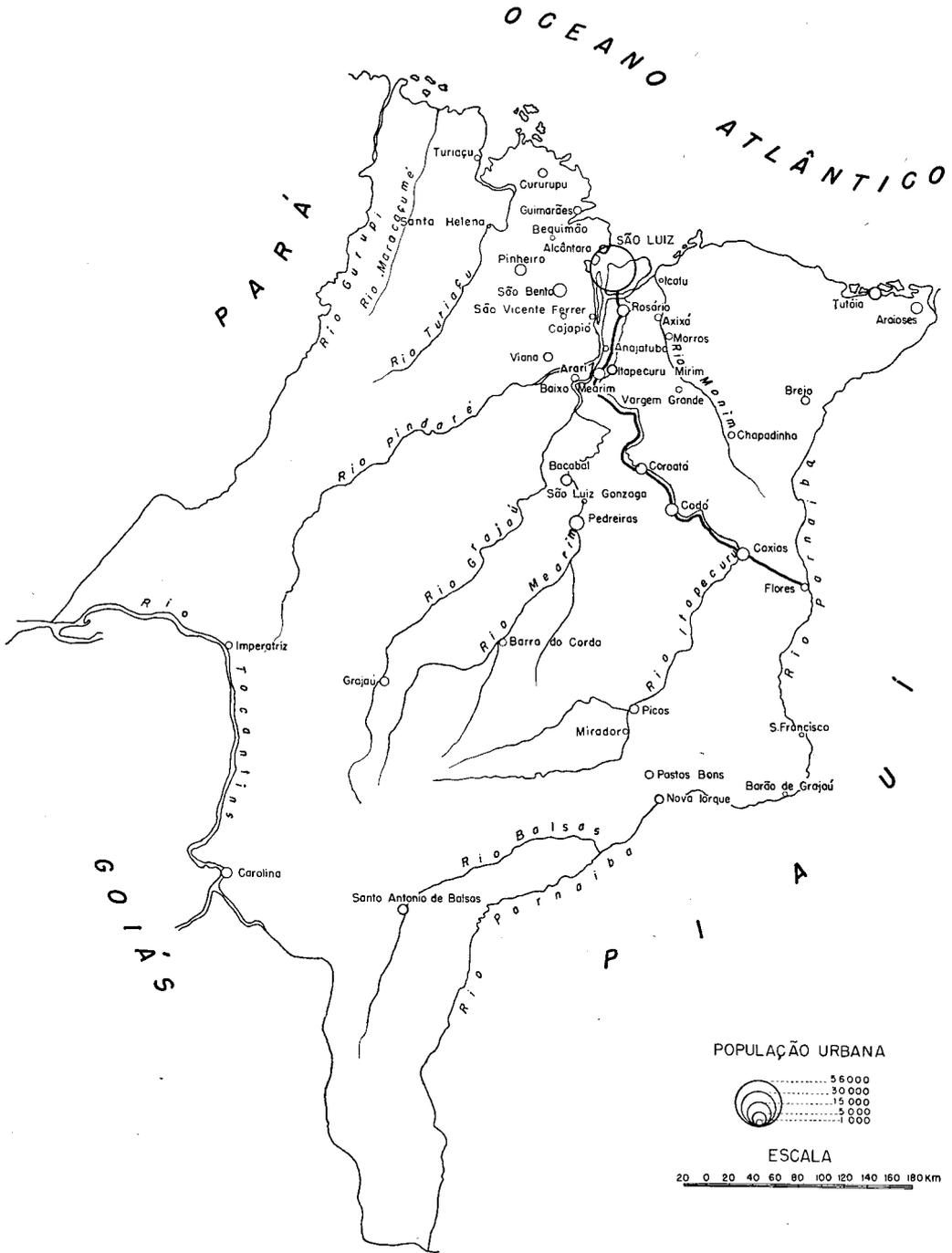
A cultura do algodão desenvolve-se hoje principalmente, nas margens do Mearim e do Itapecuru, sobretudo, em Bacabal, Pedreiras, Baixo-Mearim, Codó, Caxias e Coroatá. Para êste desenvolvimento contribuiu, sem dúvida, a construção da Estrada de Ferro São Luís-Teresina, possibilitando o transporte da matéria-prima para as fábricas de tecidos de Caxias, Codó, Coroatá e São Luís, a capital do estado, e cuja produção é distribuída pelo mercado nacional.

Essa antiga indústria têxtil maranhense, cuja produção tem pesado de modo significativo na balança econômica do estado, necessita entretanto, por-se em dia, com aparelhamentos novos para produzir em melhores condições, vindo contribuir assim, para a elevação do nível de vida da população maranhense.

A maior concentração da população rural ao longo desses vales estende-se até Caxias no Itapecuru e Pedreiras no Mearim, pela franca navegabilidade dos rios nesses trechos, permitindo fácil acesso aos navios do Lloyd Maranhense.

Quase todas as fazendas da região possuem pequenos portos, junto aos rios, por onde embarcam seus produtos, em canoas e barcos de vela, em demanda dos mercados consumidores e distribuidores. Também as cidades se alinham

ESTADO DO MARANHÃO



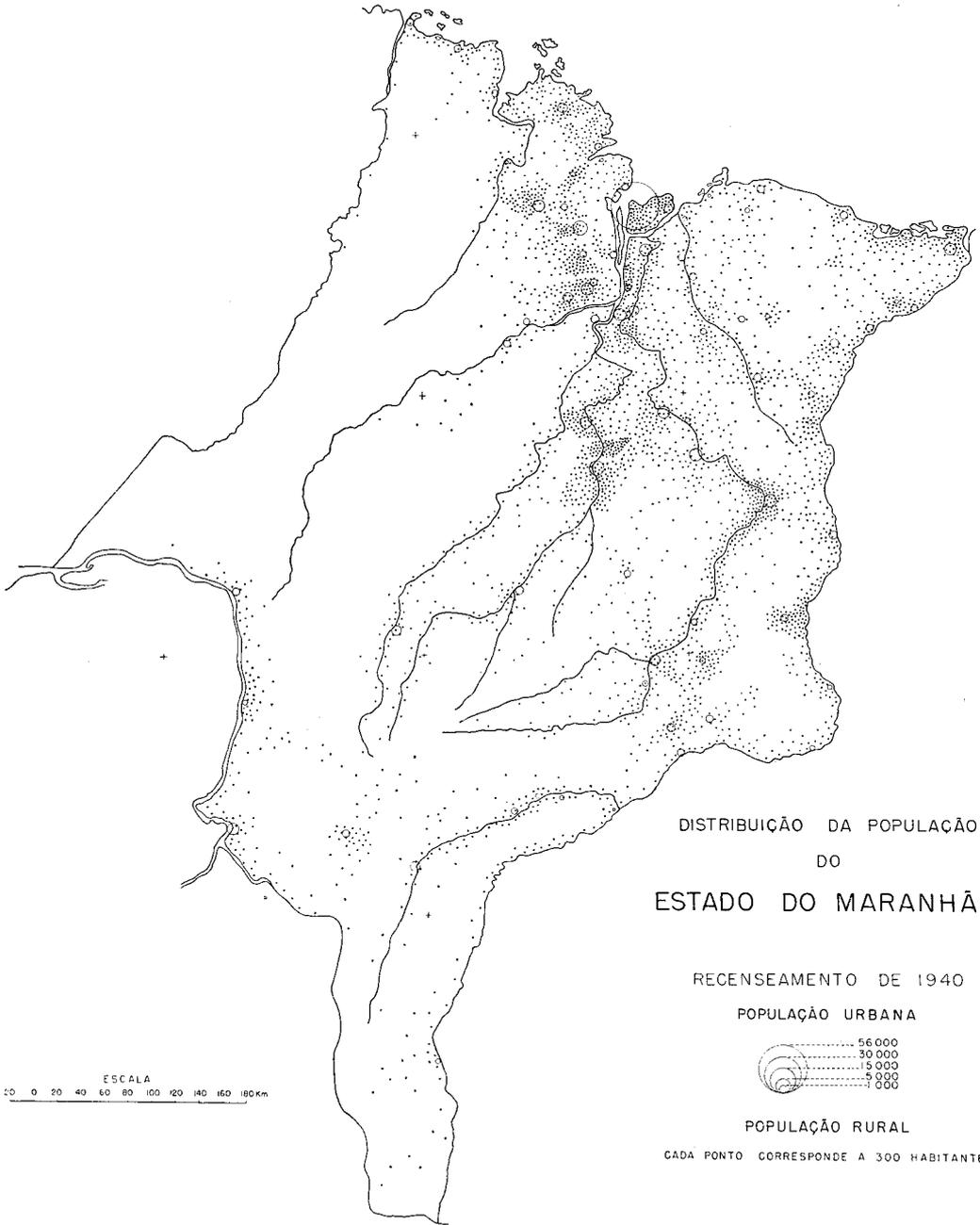
DES. MITZUKO SASSAKI

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

SERVIÇO DE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA

SEÇÃO DE ESTUDOS



ao longo dos rios, estando geralmente situadas nos terraços marginais ao abrigo das inundações. São elas pequenos entrepostos e dada a situação privilegiada quanto aos meios de transporte, possuem quase sempre pequenas indústrias têxteis e de beneficiamento de produtos agrícolas, como arroz, algodão e cana de açúcar.

Caxias é a principal cidade, depois de São Luís e contava com uma população de 7 041 habitantes em 1940. É o maior centro exportador e produtor de algodão do Maranhão. Devido à sua situação privilegiada, no ponto terminal da navegação fluvial do Itapecuru e contando ainda com a estrada de ferro, é o maior entreposto da região, servindo aos sertões do Parnaíba, Tocantins e Itapecuru. Tem a cidade intenso movimento comercial e industrial, com numerosas fábricas têxteis, donde bem lhe cabe o cognome de "Manchester do Nordeste brasileiro".

A cultura do arroz desenvolve-se, principalmente, nas proximidades da baía de São Marcos, na zona da baixada, entre os rios Turiaçu e Pindaré. Outras culturas importantes nessa zona são o algodão, a cana de açúcar e a mandioca.

Tais culturas foram, no entanto, superadas pela indústria extrativa do babaçu e da carnaúba, que oferece imensas possibilidades de produção, pela grande quantidade de palmeiras nativas existentes. Essa produção extrativa vegetal, representa hoje um potencial de riqueza para o estado, necessitando urgentemente de melhores vias de transporte, que lhe garanta o escoamento para os mercados consumidores.

Os campos inundáveis da baixada representam de certo modo o trecho menos povoado do golfão maranhense. Estão situados à margem esquerda da embocadura do Mearim e do Itapecuru, em Cajapió, Anajatuba, Rosário, Pinheiro ou Pericumã, São Vicente Férrer, Viana, São Bento ou Perizes e são destinados à criação extensiva. No "inverno", época das chuvas (novembro-março) os rios e os lagos transbordam, inundando os campos marginais, constituindo então a canoa o único meio de transporte. Essas inundações periódicas, obrigam o gado a um movimento migratório imposto pelas más condições do meio. Nesta ocasião, são as reses levadas para as chapadas do interior ou para os campos de "tesos" (pequenas elevações) de Santa Helena, Cajapió, Arari e Baixo-Mearim, aí permanecendo durante a época chuvosa. Quando baixam as águas retorna o gado à baixada.

Além da criação e da pesca, os habitantes desta região, praticam uma lavoura de subsistência, que lhes garante a farinha d'água para a alimentação. Esta lavoura é feita no intervalo da pesca e do pastoreio. É uma zona por excelência pastoril, com predomínio da raça curreleira. Só recentemente alguns criadores têm melhorado seus rebanhos, com a introdução de reprodutores da raça zebu.

O gado é exportado para São Luís, em canoas ou a pé, ou então, para o estado do Pará por mar ou por terra, via Viseu. Os principais portos de embarque do gado para a capital, são: Inveja (município de Viana), Ambude (município de São Vicente Férrer), Vaca Rucilha (município de Arari), Casinha (município de Anajatuba) e Bacurituba (município de São Bento).

Não existe na região indústria organizada para o aproveitamento do leite. Somente em São Bento há uma pequena indústria florescente de queijos e manteiga, que provê os mercados vizinhos.

São Luís, situada na ilha do mesmo nome, no golfo maranhense, é a capital do estado, com 58 735 habitantes. É o porto mais importante da extensa costa maranhense, centralizando todo o movimento comercial do estado. Tem ainda uma importante função industrial com numerosas fábricas de fiação de algodão, de beneficiamento de babaçu e de carnaúba.

Comparando-se os recenseamentos de 1920 e 1940, pode-se concluir que a população dos municípios do golfo sofreu um acréscimo relativamente pequeno, enquanto os municípios situados nos médios Mearim e Itapecuru, tiveram um aumento bem mais apreciável.

ZONA DE LESTE

Contrastando com a zona anteriormente estudada, de população relativamente densa, no leste do estado ela se apresenta muito dispersa e rarefeita. Esta grande área apresenta aspectos nordestinos, com chuvas bastante irregulares e clima relativamente seco.

Também a zona litorânea que se estende da baía de São José à baía de Tutóia, regularizada pelo desenvolvimento das formações quaternárias, é pouco povoada. Apresenta extensos lençóis de areia, sendo por isso pouco propícia à instalação humana. Não havendo bons ancoradouros, a navegação de cabotagem é muito reduzida e a população de pescadores escassa.

A maior concentração nesta costa aparece na baía de Tutóia, que constitui uma exceção, por ser excelente surgidouro, onde é ativa a circulação de pequenas embarcações, sendo aí numerosos os núcleos de pescadores.

Tutóia é o único porto marítimo do Maranhão Oriental e do Piauí. O porto de Luís Correia ou Amarração, no Piauí não oferece boas condições como ancoradouro devido à pouca profundidade, que não permite a entrada de navios de grande calado. Assim é que quase toda a produção do estado é levada para o porto de Tutóia em pequenas embarcações e daí transportada em navios em demanda dos mercados consumidores. O porto de Tutóia é um dos mais movimentados do estado, por ser escala obrigatória para a navegação neste trecho. Para êle converge toda a produção do Parnaíba e regiões ribeirinhas.

Portanto, dadas as más condições de solo, de clima, aliadas à dificuldade de transporte, pois os rios aí são temporários, nada há que estimule o estabelecimento humano o que explica a pequena densidade da população. Para o interior ela continua ainda bastante escassa entre os vales do Parnaíba e do Monim. São êsses rios os concentradores da população no leste maranhense, graças à maior fertilidade de suas terras ribeirinhas, grandemente aproveitadas pela lavoura do algodão, cana de açúcar, mandioca e gergelim. Os principais núcleos urbanos: Icatu, Morros, Chapadinha, Vargem Grande, alinham-se todos ao longo do Monim, devido à navegabilidade dêsse curso durante parte do ano. É também o único coletor da produção, visto serem poucas as estradas de rodagem de que dispõe a região. A via fluvial mantém constante intercâmbio

comercial, entre esta zona e São Luís, através do canal dos Mosquitos. Tem como principais cidades Axixá, Chapadinha e Icatu, hoje decadente, e que depois de Alcântara é a mais antiga do Maranhão.

MÉDIO PARNAÍBA

No limite nordeste do estado a população rural e urbana é mais concentrada ao longo do Parnaíba, principal via de comunicação; a navegação nesse rio é explorada pela Companhia de Navegação do Rio Parnaíba.

O povoamento do vale do Parnaíba foi realizado no século XVII, com a expansão da criação nos altos vales dos rios maranhenses, que desceu posteriormente para os médios e baixos cursos. Mais tarde, no século XVIII, tornou-se o vale do Parnaíba o principal fornecedor de carne salgada do Nordeste, exportando para os mercados da Bahia e do Rio de Janeiro.

Apesar dos bons solos resultantes da decomposição do calcário, a agricultura é pouco desenvolvida, devido à distância dos mercados consumidores e às dificuldades de transporte. É a criação de gado a principal atividade econômica, acompanhada da exploração extrativa vegetal da carnaúba e babaçu.

Os núcleos urbanos, na maior parte, não estão situados diretamente às margens do rio, mas acham-se mais para o interior, nos terraços, ao abrigo das enchentes.

As principais cidades desta região são: Brejo, Flores (Timon) e Araioses. A primeira, com 2 911 habitantes, destaca-se devido à boa situação ligando o Parnaíba ao vale do Monim, através da estrada de rodagem Brejo-Chapadinha. A segunda, com 1 937 habitantes funciona como entreposto da região, sendo servida ao mesmo tempo pelo rio e pela estrada de ferro. Tem a vantagem de se encontrar próxima a dois grandes centros consumidores: Teresina e Caxias.

Por fim, Araioses, com 3 001 habitantes, importante centro pela sua localização na foz do Parnaíba, sofre influência do pôrto de Tutóia e da cidade de Parnaíba no Piauí.

CHAPADAS DO SUL

Penetrando-se para o sul do estado encontra-se nos altos vales do Grajaú, Mearim, Itapecuru e Parnaíba uma zona de extensas chapadas de arenito cretáceo, recobertas de campos cerrados e cortadas por estreitos e profundos vales. Cêrca de um têtço do estado está compreendido nesta zona, onde a população apresenta-se rarefeita e localizada sempre nos vales dos rios. São, portanto, êles os concentradores da população, graças à maior fertilidade do solo nas suas margens, à proximidade da água, constituindo ainda as melhores vias de comunicação. Daí os divisores de água serem bem visíveis no mapa, pela rarefação demográfica.

As cidades estão também localizadas nos vales, apesar da ocorrência da malária endêmica. Tal localização está em função direta da maior facilidade de transportes, que garantem o escoamento da produção e o abastecimento. É uma zona tradicionalmente pastoril, tendo sido ocupada pelos sertanistas baianos no princípio do século XVII, quando transportaram grandes rebanhos do São Francisco para o Piauí, daí passando ao Maranhão. Sendo descobertos aí cam-

pos propícios à criação, os chamados "sertões dos pastos bons", fundaram inúmeras fazendas, as quais deram origem a vários povoados. Até hoje esta região dedica-se quase exclusivamente à criação extensiva de gado e como ocupação secundária aparece a exploração extrativa vegetal.

Pelo exame do mapa pode-se verificar que dentro da própria região há um maior adensamento da população rural nos altos cursos do Itapecuru até Mirador, do Mearim até Barra do Corda, do Parnaíba até Nova Iorque, contrastando com as altas cabeceiras desses rios e com o Pindaré, de população menos densa. Tal adensamento tem sua explicação não só no fato de serem esses rios navegáveis por canoas nos trechos citados, como também pela maior proximidade da estrada de ferro e pelo desenvolvimento da lavoura, cujos produtos têm exportação garantida para os centros consumidores. Esses fatores têm proporcionado boas condições econômicas aos núcleos que aí se localizam como Barão de Grajaú, São Francisco (Iguaratinga), Picos e outros. A cidade de Picos é o principal centro urbano do alto Itapecuru, com uma população de 2 666 habitantes. Dentro da região têm-se destacado as lavouras do algodão, da mandioca e da cana de açúcar com assegurado escoamento desses produtos pela estrada de rodagem Picos-Oeiras, e também por via fluvial.

O extremo sul do estado, do divisor de águas Parnaíba — Balsas para oeste, até o divisor de águas Tocantins — Grajaú é de população muito menos densa. Esta rarefação da população pode ser explicada pelo encaixamento dos rios, dificultando a navegação e daí os transportes, e pela grande distância dos mercados consumidores.

A principal atividade econômica resume-se na criação extensiva de gado bovino e na exploração extrativa vegetal. A quase totalidade da produção pecuária da região é concentrada em Carolina e daí vendida para o Pará, São Luís, Bahia, etc.

Como se pode ver no mapa, as cidades procuram os vales, situando-se junto aos rios. Uma das principais é Grajaú, localizada no alto curso do rio Grajaú, com 2 463 habitantes. A dificuldade da navegação do rio tem impedido um maior desenvolvimento do município. O rio, durante longos períodos do ano tem seu volume d'água tão reduzido que a navegação se torna impraticável. Tal dificuldade faz com que as mercadorias fiquem acumuladas à espera de que um aumento das águas permita a navegação regular e assim se faça o escoamento da produção para os mercados mais próximos. Esta situação só poderá ser melhorada com a conclusão da estrada de rodagem Pedreiras-Grajaú, que facilitará o transporte e com isso provocará o desenvolvimento do município. Outro importante núcleo desta zona é Santo Antônio de Balsas, situado no ponto terminal da navegação regular do rio Balsas. É um dos principais entrepostos do interior maranhense, por aí passando as mercadorias que se dirigem do oeste para o sul.

No Tocantins a população concentra-se ao longo do vale, de Carolina a Imperatriz, quando vai rareando a ponto de transformar-se num vazio demográfico, que continua até o limite com o Pará.

Carolina é o principal centro comercial da região sudoeste do Maranhão e norte de Goiás. Conta com 3 359 habitantes, mantendo relações comerciais com São Luís, Pará, Ceará, Bahia, Piauí e Goiás. Os seus principais produtos de exportação são o gado e peles de animais.

NOROESTE MARANHENSE

A zona de população mais rarefeita do estado e que se pode considerar mesmo como um vazio demográfico é o noroeste do Maranhão. Esta zona estende-se do rio Gurupi, no limite com o Pará, ao rio Grajaú e é caracterizada por extensas planícies, grandemente entulhadas de aluviões recentes e com solo impermeável. Os rios, na maioria, correm no sentido sul-norte, isto é, das altas chapadas do interior para o litoral. Êsses rios, Gurupi, Turiaçu e Grajaú, nos altos cursos apresentam-se encachoeirados e ao atingirem a baixada formam meandros divagantes, sujeitos à ação das marés.

Esta região possui um clima equatorial super-úmido de chuvas abundantes e regulares que chegam a atingir mais de 2 000 milímetros anuais com um grau de umidade relativa também muito elevado, o que favoreceu o desenvolvimento da mata e a propagação da malária.

Por êsses aspectos físicos pode-se considerar o noroeste maranhense como o último avanço da grande região Norte. A Hiléia aí aparece mais ou menos densa, possuindo algumas espécies muito características, tais como a seringueira *Hevea brasiliensis*, a baunilha (do gênero *Vanilla*), e palmeiras de açaí (*Euterpe oleracea*), que constituem os únicos produtos de exploração. Em alguns trechos, a mata avança muito para o norte, indo juntar-se aos campos da baixada. Sòmente junto à costa, os campos cedem lugar aos mangues, que cobrem tôda a região alagada pelo mar e acompanham grande extensão da orla litorânea e alguns rios.

Essas condições físicas desfavoráveis, associadas à falta de incentivo à agricultura, dificuldades de transporte terrestre e fluvial e, ainda, o terror inflingido pelos índios urubus, mantiveram a região fechada por muito tempo à colonização; daí o seu isolamento e pequeno desenvolvimento econômico.

Por essas razões verificou-se a fixação do elemento humano sòmente na borda da mata, onde está localizada a mais importante zona agrícola do estado, e onde se verifica a maior concentração da população rural.

O aproveitamento desta zona foi tentado desde o século XVII, quando os colonizadores subiram os vales do Gurupi e Turiaçu, não conseguindo porém conquistá-los devido às dificuldades de navegação, à densidade da mata e à hostilidade dos índios, que impediram a criação de núcleos permanentes.

Mais tarde, já em fins do século XVIII e princípios do XIX, aparece um fator de interesse: o ouro, atraindo a população. Foi, então, tentada a ocupação da região por elementos escravos; tal tentativa foi, entretanto, malograda pelas mesmas razões apontadas.

Por muito tempo foi essa zona a mais isolada e a menos penetrada do estado, apesar das ricas aluviões auríferas. Só mais tarde, por volta de 1928, com a pacificação dos índios e com a alta do ouro, tôdas as atenções foram voltadas para o noroeste maranhense. Em pouco tempo, chegavam levas de imigrantes provenientes do oeste e do leste que acampavam próximo aos rios, nos lugares em que era encontrado o ouro. Em tôda a extensão do baixo Maracaçumé e do Turiaçu fervilhava intensa atividade extrativa mineral. A maior preocupação dos habitantes era descobrir locais ainda não explorados. Muitos dêsses acam-

pamentos deram origem a povoações, que em alguns casos se desenvolveram rapidamente e em outros tiveram uma vida efêmera, conforme a riqueza do garimpo.

As principais povoações mineradoras desta região estão localizadas nos baixos cursos do Gurupi, Maracaçumé e Turiaçu, onde os pláceres, acusam a presença de ouro em grandes pepitas. Dentre os mais importantes núcleos sobressaem o de Inglês e Aurizona, no baixo curso do Tromai e Redondo no Maracaçumé, todos nos municípios de Turiaçu e Cururupu.

Tais garimpos tornaram-se em pouco tempo centros de negócios, graças à sua favorável situação próximos ao litoral e à margem de rios navegáveis.

Para o interior, nos altos cursos do Gurupi, Turiaçu, Maracaçumé e Pindaré, são encontrados numerosos garimpos de vida efêmera; daí a população rarear-se a ponto de se ter um grande vazio demográfico. Êsses pequenos centros encontram grande dificuldade na aquisição de mantimentos por falta de vias acessíveis, sendo o comércio feito através de picadas a lombo de burro e, muitas vezes, pelo próprio homem, o que vem dificultar a fixação dos mesmos.

O noroeste maranhense devido à proximidade com o Pará, tem relações comerciais mais intensas com êsse estado. Assim é que recebe as diversas mercadorias, principalmente armas, bebidas, ferramentas, carne seca e mesmo crédito para os comerciantes, das praças de Belém, Bragança e Viseu.

Dadas as dificuldades de transporte tanto terrestre como fluvial, a população que aí se estabeleceu, vive exclusivamente da economia extrativa vegetal e mineral, fazendo com que o índice de mobilidade seja muito acentuado, conforme as notícias de sucessos nos diferentes lugares. É, no entanto, uma zona de grandes possibilidades de desenvolvimento.

CONCLUSÃO

A população maranhense apresenta grande diversidade na sua distribuição, em consequência da complexidade dos fatores físicos e econômicos.

Na metade norte do estado três aspectos bem distintos se observam na distribuição da população: o oeste com características amazônicas, onde a mata densa, o clima úmido e a presença de índios bravos têm dificultado a penetração e a ocupação da região, o que determinou o seu completo isolamento do resto do estado; o leste, tipicamente nordestino, com chuvas irregulares, clima relativamente seco e de vegetação xerófita, apresenta-se com população muito rala. Finalmente, a região centro-norte, o golfão maranhense, aparece densamente povoado, com um grande desenvolvimento agrícola e pastoril. É economicamente a região mais importante do estado, juntamente com os cursos médios do Mearim e do Itapecuru. No sul do estado, onde dominam as chapadas e os campos cerrados, a população é mais ou menos rarefeita, concentrando-se nos vales dos rios.

No estado do Maranhão são, por conseguinte, os rios os grandes concentradores da população rural e urbana, graças, sobretudo, à sua função de vias de comunicação.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- DÉNIS, Pierre — *Amérique du Sud — Le Brésil* — Tome XV, Première Partie — 210 pp. — 36 figuras, 64 fotografias — Librairie Armand Colin — Paris, 1927.
- FRÓIS ABREU, Sílvio — *Na Terra das Palmeiras* — 278 pp. — 94 fotografias, 1 mapa e 3 perfis — Oficina Industrial Gráfica — Rio de Janeiro, 1931.
- HARTT, Charles Frederick — *Geologia e Geografia Física do Brasil* — Tradução de Edgar Sussekind de Mendonça e Elias Dolianiti — 649 pp., 94 figuras — Biblioteca Pedagógica Brasileira, série V, Vol. 200 — Cia. Editôra Nacional — São Paulo, 1941.
- LOPES, Raimundo — *O Torrão Maranhense* — 222 pp. — 4 mapas e 2 fotografias — Tipografia do Jornal do Comércio — Rio de Janeiro, 1916.
- OLIVEIRA, Avelino Inácio de, LEONARDOS, Othon Henry — *Geologia do Brasil* — 2.^a edição — 202 pp. — 37 estampas — Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1943.
- PRADO JÚNIOR, Caio — *Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia)* — 388 pp. — Editôra Brasiliense Ltda. — São Paulo, 1945.
- SAMPAIO, A. J. de — *Fitogeografia do Brasil* — 284 pp. — 25 fotografias — Biblioteca Pedagógica Brasileira, série V, vol. 35 — Cia. Editôra Nacional — São Paulo, 1934.
- SPIX, J. B. von e MARTIUS, C. F. P. von — *Viagens pelo Brasil* — Tradução brasileira promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — 560 pp. — Volume 2.^º — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1938.
- “Divisão Regional do Brasil — Região Norte” — Secção de Estudos Geográficos.
- “Divisão Regional do Brasil — Região Nordeste” — Secção de Estudos Geográficos”.

Periódicos

- AIRES DA SILVA, Rita — “O Mearim como rio limítrofe de uma região geográfica” — *Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia*, vol. V — Pp. 515-517. Rio de Janeiro, 1944.
- ALVES DE SOUSA, Henrique Capper — “O ouro e a vida nalgumas regiões do Brasil” — *Revista Brasileira de Geografia*, ano II, n.º 1, Janeiro, 1940 — Pp. 16-32. 17 fotografias e 4 mapas.
- BURLAMAQUI, Jorge Leal — “Os planos rodoviários dos estados do Maranhão e Piauí” — *Rodovia*, ano VI, n.º 37, fevereiro, 1943 — Pp. 48-52.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel — “O açúcar na colonização do Nordeste” — *O Observador Econômico e Financeiro*, ano XII, n.º 138 — Pp. 90-97.
- DODT, Gustavo D. — “Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi” — Comentário do Prof. Sílvio Fróis Abreu — *Revista Brasileira de Geografia*, ano I, n.º 3, julho, 1939 — Pp. 111-114.
- FRÓIS ABREU, Sílvio — “Observações sôbre a Guiana Maranhense” — *Revista Brasileira de Geografia*, ano I, n.º 4, outubro, 1939 — Pp. 26-50 — 1 desenho, 22 fotografias.
- FRÓIS ABREU, Sílvio — “Contribuição para a antropogeografia do Maranhão” — *Revista da Sociedade de Geografia*, tomo XXXIV, 1.^º semestre, 1929 — Pp. 1-14 — 11 fotografias e 1 mapa.
- GUERRA, Antônio Teixeira — “O Vale do Parnaíba e as cidades centro de transporte” — *Revista do Comércio*, ano II, n.º X, setembro 1946 — Pp. 65-67.
- MORAIS, Cap. M. — “Características do relêvo nordestino” — *Boletim Geográfico*, ano IV, n.º 27, junho, 1945 — Pp. 337-391.
- MORAIS RÊGO, Luís Flores de — “Notas sôbre a Geologia do Estado do Maranhão” — *Revista do Museu Paulista* — Tomo XXI, 1937 — Pp. 3-28.
- PAIVA, Glycon de — “Guiana Maranhense” — *Revista Brasileira de Geografia*, ano I, n.º 4, outubro-dezembro, 1935 — Pp. 10-24 — 1 mapa.
- SILVESTRE FERNANDES, J. — “Os semi-deltas do noroeste do Maranhão” — *Boletim Geográfico*, ano VI, n.º 64, julho, 1948 — Pp. 388-396.

- SILVESTRE FERNANDES, J. — “Baixada Maranhense” — *Boletim Geográfico*, ano V, n.º 53, agosto, 1947 — Pp. 545-558.
- SHAW, E. V., DARNELL, J. L. — “Uma região fronteiriça no Brasil — O sudoeste do Maranhão” — *Boletim Geográfico*, ano IV, n.º 41, agosto, 1946 — Pp. 570-580.

Monografias

- BARROS, Antônio — *Monografia Histórico-Corográfica do Município de Cajapió* — Maranhão, agosto de 1941.
- BRAGA DOS SANTOS, Leônidas — *Monografia Histórico-Corográfica do Município de Monção* — Maranhão, outubro de 1938.
- BRANDÃO, José Osano — *Monografia Histórico-Corográfica do Município de Picos* — Maranhão, sem data.
- CARVALHO, Bernardo Araújo, REIS, Benedito Rebêlo, CARVALHO, Maria Madalena — *Monografia Histórico-Corográfica do Município de Barreirinhas* — Maranhão, sem data.
- COELHO DOS SANTOS, Didácio, NASCIMENTO, Ângelo do, PEREIRA, Hilda Evelina — *Monografia Histórico-Corográfica do Município de Santo Antônio de Balsas* — Maranhão, sem data.
- COELHO DE MATOS, João, AIRES DA SILVA, Severino e QUEIRÓS, Salatiel — *Monografia Histórico-Corográfica do Município da Carolina* — Maranhão, 1941.
- COSTA DA SILVA, Valentim — *Monografia Histórico-Corográfica do Município de Santa Quitéria* — Maranhão, sem data.
- CUNHA, Benedito Oliveira — *Monografia Histórico-Corográfica do Município de Chapadinha* — Maranhão, sem data.
- FERNANDES DE OLIVEIRA, Pedro José — *Monografia Histórico-Corográfica do Município de Carutapera* — Maranhão, sem data.
- LOPES, Lourival — *Monografia Histórico-Corográfica do Município de Vitória do Alto Parnaíba* — Maranhão, setembro de 1941.
- MATOS PEDRO, Silva — *Monografia Histórico-Corográfica do Município de Brejo* — Maranhão, sem data.
- MUNIZ, José Lima — *Monografia Histórico-Corográfica do Município de Benedito Leite* — Maranhão, outubro de 1941.
- NUNES, Hamilton Bandeira — *Monografia Histórico-Corográfica do Município de Coelho Neto* — Maranhão, agosto de 1941.
- PESSOA DE FARIA, Felinto — *Monografia Histórico-Corográfica do Município de Buriti* — Maranhão, sem data.

Monografias Histórico-Corográficas elaboradas pela Prefeitura — *Alcântara*, sem data; *Arari*, sem data; *Axixá*, 1941; *Bacabal*, sem data; *Baixo Mearim*, sem data; *Barra do Corda*, sem data; *Bequimão*, sem data; *Codó*, dezembro de 1941; *Co-roatá*, 1941; *Grajaú*, 1938; *Imperatriz*, sem data; *Monte Alegre*, 1937; *Pinheiro*, 1937; *São Bento*, 1937; *São Luís Gonzaga*, 1937; *São Pedro*, 1937; *Vargem Grande*, 1938.

Mapas

Mapa Geológico do Brasil — Escala: 1 : 5 000 000 — Departamento Nacional da Produção Mineral — Divisão de Geologia e Mineralogia — Cia. Litográfica Ipiranga — São Paulo, 1942.

Mapa da Viação dos Estados de Goiás e Maranhão — Escala: 1 : 3 000 000 — Ministério da Viação e Obras Públicas — Edição de 1939.

RÉSUMÉ

Dans cet article l'auteur présente une carte de la distribution de la population dans l'Etat de Maranhão et fait des commentaires sur les facteurs qui exercèrent une influence sur cette distribution. Il montre que la plus grande partie de la population a son activité liée à l'exploitation extractive du végétal (*babaçu et carnaúba*) à l'élevage et à l'agriculture. Il a décrit les principales régions naturelles de l'Etat, faisant ressortir les aspects physiques, économiques et démographiques et traite de la zone du Golfão Maranhense, des moyennes vallées du Mearim et de l'Itapecuru, de la région semi-aride de l'Est, du moven Parnaíba et du Nord-Ouest du Maranhão.

Il conclut que la population accuse une grande diversité dans la distribution; que l'ouest, avec des caractéristiques amazoniques se peupla difficilement à cause de la forêt et des Indiens

sauvages; que l'est, à cause de l'aridité relative, a une population peu dense et que la région centre-nord de la plaine est la zone la plus peuplée. Au sud dans les *chapadas* et les *campos cerrados* la population est peu dense et les rivières, dans cet Etat, ont un rôle assez important.

RESUMEN

En este artículo, el autor presenta un mapa de la distribución de la población en el Estado de Maranhão y hace consideraciones sobre los factores que han influenciado esta distribución. Hace notar que los habitantes, en su mayor parte, practican una actividad asociada a la explotación vegetal (extracción del *babaçu* y *carnaúba*) así como a la pecuaria y agricultura. Describe las principales regiones naturales del Estado, resaltando los aspectos físicos, económicos y demográficos; trata aún del "Golfão Maranhense", de los valles medios de los ríos Mearim y Itapecurú, de la región semi-árida del Este y del Noroeste del Maranhão.

La población acusa una distribución bastante irregular. En el oeste, con caracteres propios a la región amazónica, el poblamiento fué dificultado por la mata y por tribus de indígenas salvajes; el este por su relativa aridez tiene una población muy rala mientras la región del centro-oeste de la Baixada es más poblada. Al sur, en las mesetas y "campos cerrados" la población es poco densa y los ríos tienen una función muy importante en dicho Estado.

RIASSUNTO

In questo articolo, l'autore presenta una carta della distribuzione della popolazione nello Stato di Maranhão e commenta i fattori che hanno influito in questa distribuzione. Rileva che per la più parte, gli abitanti hanno la sua attività collegata alla esplorazione agricola (estrazione del "babaçu" e della "carnaúba") e pecuaria. Descrive le principali regioni naturali dello Stato, mettendo in luce i suoi aspetti fisici, economici e demografici; così tratta del così detto "Golfão Maranhense", delle valli medie dei fiumi Mearim, Itapecuru e Parnaíba, così come della regione semi-árida del Est e quella del Nord-Ovest del Maranhão.

La popolazione accusa una gran diversità nella sua distribuzione: l'Ovest, colle sue caratteristiche amazzoniche ha avuto il suo popolamento difficoltato dalle selve e da feroci selvaggi; l'Est ha una popolazione molto rara per la sua relativa aridità; la regione centro-nord della piana è la più popolata. Al Sud negli alti-piani e campi la popolazione è poco densa. Di resto i fiumi esercitano un'importante funzione in questo Stato.

SUMMARY

In the present paper, the author discusses a map of the distribution of the population in the State of Maranhão, commenting the various factors which influenced said distribution.

He emphasizes the fact that the most part of the population has its activities connected to the vegetal extracting exploitation, (*babaçu* and *carnaúba*) to cattle-raising and to agriculture in general.

He describes the chief natural regions of the State, emphasizing the physical, economical and demographic aspects and describes, according to this method, the zone of the *Golfão Maranhense*, the middle valleys of the Mearim and Itapecuru rivers, the semi-arid region of the East, the middle Parnaíba and the northwestern part of the State.

He concludes, furthermore, stating that the population presents a large diversity of distribution; that the Western part of the State, which has the same characteristics of the Amazonic region, had its peopling difficulted by the forest and wild indians; that the Eastern part of the State, due to the relative aridity, has a very scarce population and, finally, that the center-north part of the lowlands is the most densely populated zone.

On the southern part of the State, on the "chapadas" and "campos cerrados" the population is scarce and the author explains that the rivers represent a very important role in influencing the distribution of the population in the State of Maranhão.

ZUSAMMENFASSUNG

Der Verfasser stellt in der vorstehenden Abhandlung eine Karte der Bevölkerungsverbreitung im Staate Maranhão dar, und zieht einige Betrachtungen über die Faktoren, die auf dieser Verbreitung beeinflusst haben.

Er betont erstens, dass der grösste Teil der Bevölkerung sich mit der Sammelwirtschaft betätigt (in den Palmwälder von *Babaçu* und *Carinaúba*, bzw. eine Öl- und Wachspalme) oder der extensiven Viehzucht und Landwirtschaft gewidmet ist.

Er beschreibt weiter die wichtigsten natürlichen Einteilungen des Staates, die physischen, wirtschaftlichen und demographischen Merkmale betrachtend, und in dieser Hinsicht werden folgende Gebiete unterschiedet: *Golfão Maranhense* (Die grosse Bucht von Maranhão) und die Täler der Mittelläufe vom *Mearim* und *Itapicuru*; das halb-trockene Gebiet des Osten; das Mittelteil com *Parnaíba*; und das Gebiet von Nordwesten.

Folgende Schlussfolgerungen werden vorgebracht: dass die Bevölkerung eine sehr unregelmässige Verbreitung darbietet; dass die Besiedelung des westlichen Teiles, welches durch seine Merkmale dem Amazonasgebiet zugehört, durch die Anwesenheit dichter Wälder und wilden Indianern erschwert wurde; dass der östliche Teil wegen der relativen Trockenheit, sehr dünn besiedelt ist; und schliesslich dass das nördliche Mittelgebiet der grossen Niederung das am dichtesten besiedelte Gebiet darstellt. Im Südteil auf den grossen Flächen und Savannen, ist die Bevölkerungsdichte sehr schwach. Der Verfasser betont hauptsächlich dass die Flüsse eine hervorragende Rolle in der Bevölkerungsverbreitung spielen.

RESUMO

En ĉi artikolo la aŭtoro prezentas mapon de la distribuo de la loĝantaro en ŝtato Maranhão kaj faras komentariojn pri la faktoroj, kiuj influis sur tiun distribuon. Li akcentas, ke la plej granda parto de la loĝantaro havas aktivecon ligitan al la vegeta elira ekspluatado (babaçu kaj karnubo) kaj al la bestokulturo kaj al la terkulturo. Li priskribas la ĉefajn naturajn regionojn de la ŝtato, reliefigante la fizikajn, ekonomiajn kaj demografiajn trajtojn, kaj tiel li traktas pri la zono de Golfo de Maranhão, kaj mezaj valoj de Mearim kaj Itapecuru pri la duonseka regiono de Oriento, pri la meza Parnaíba kaj pri la Nordokcidento de Maranhão.

Li konkludas, ke la loĝantaro montras grandan diversecon en la distribuo; ke la Okcidento, kun amazonaj karakterizaĵoj, havis malfacilan loĝatigon pro la arbaro kaj pro la sovaĝaj indiĝenoj; ke la Oriento pro la relativa sekeco havas tre maldensan loĝantaron, kaj ke la centra-norda regiono de la ebenaĵo estas la plej loĝatigita zono. En la Sudo, sur la altebenaĵoj kaj sur la kampoj kun arboj, la loĝantaro estas malmulte densa, kaj la riveroj, en tiu ŝtato, ludas sufiĉe gravan rolon.